

## **CRISE CLIMÁTICA E PLANO DE UM TEXTO JORNALÍSTICO: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA**

### **Climate crisis and a plan of a journalistic text: perspectives for the teaching of reading and writing**

Sueli Cristina Marquesi (PUC-SP)

Andreia Borges de Godoi Drska (PUC-SP)

#### **RESUMO**

A discussão sobre questões contemporâneas de nossa sociedade, como aquelas relacionadas à crise climática, tem se tornado urgente nos vários campos de conhecimento, incluindo o da Linguística. Assim, tomando como objeto de análise o texto jornalístico *O efêmero boneco de neve de Michelangelo derrete na dantesca crise climática*, de Mario Sergio Conti, examinamos o plano de texto, com foco na construção de sentidos, nas relações de intertextualidade e no entendimento da linguagem metafórica e das distintas representações do mundo que podem ocorrer por meio da linguagem, e refletimos sobre os dados da análise, bem sobre perspectivas para a formação de professores de Língua Portuguesa. Constatamos que a abordagem analítica de textos jornalísticos, com respaldo dos conceitos de plano de texto e de sequências textuais, advindos da Análise Textual dos Discursos (Adam, 2011, 2019, 2022) propicia um importante recurso para o ensino crítico e reflexivo da leitura e da escrita.

**Palavras-chave:** Crise climática. Plano de texto. Texto jornalístico. Leitura e escrita.

#### **ABSTRACT**

The discussion of contemporary issues in our society, such as those related to the climate crisis, has become urgent in various fields of knowledge, including that of Linguistics. Thus, taking as the object of analysis the journalistic text *Michelangelo's ephemeral snowman melts in the dantesque climate crisis*, by Mario Sergio Conti, we examined the text plan, with a focus on the construction of meanings, relations of intertextuality and the understanding of metaphorical language and of the different representations of the world that may occur through language, and we reflected on the data from the analysis, as well as on perspectives for the training of Portuguese language teachers. We found that the analytical approach of journalistic texts, supported by the concepts of text plans and of textual sequences, derived from Textual Discourse Analysis (Adam, 2011, 2019, 2022) provides an important resource for critical and reflective teaching of reading and writing.

**Key words:** Climate crisis. Text plan. Journalistic text. Reading and writing

#### **Considerações iniciais**

A crise climática mundial constitui, hoje, tema de pauta inadiável da agenda de discussões de diferentes áreas do conhecimento, em seus campos específicos, ou em campos que dialogam na busca de solução para um problema que se agravou e se cristalizou na escala do tempo, chegando aos dias atuais com sérias consequências que marcam tragédias ambientais, entre elas, as por nós vividas em nosso país, como os desastres de Brumadinho (MG), em 2019, do litoral norte de São Paulo, em 2023, e, recentemente, ainda sob impactos avassaladores, do Rio Grande do Sul.

No campo do ensino, dispositivos textuais, discursivos e enunciativos, com base em princípios teóricos da Linguística Textual e da Análise Textual dos Discursos, aplicados a textos concretos, têm permitido, tanto em nossa atuação na pesquisa quanto no ensino, estabelecer critérios analíticos para o tratamento do tema da crise climática, que podem se reverter em estratégias para a leitura e a escrita e, assim, oportunizar aos alunos a compreensão da complexidade do referido tema e o comprometimento com os desafios de nossa sociedade presente e futura.

Essas considerações permitem-nos formalizar os objetivos que orientam o desenvolvimento deste estudo, que são: 1) descrever e analisar um plano de texto, que, crítica e criativamente construído, possibilita ao leitor a construção sentidos, percorrendo linhas e entrelinhas do texto, estabelecendo relações de intertextualidades e avançando no entendimento da linguagem metafórica, das distintas representações do mundo por meio da linguagem e, com tudo isso, definindo estratégias para sua própria escrita; 2) refletir sobre os dados da análise, com o foco no importante papel do trabalho com o texto/discurso em contextos de ensino, para mudanças sociais, bem como nas perspectivas para a formação de professores de Língua Portuguesa, que, em conformidade com a ODS 4 – Educação de qualidade, assegurem a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

Tendo em vista esses objetivos, escolhemos o texto *O efêmero boneco de neve de Michelangelo derrete na dantesca crise climática*<sup>1</sup>, do articulista Mario Sergio Conti, veiculado no jornal *Folha de S.Paulo*, em 21/7/23, escolha cuja justificativa se dá por duas razões:

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariosergioconti/2023/07/o-efemero-boneco-de-neve-de-michelangelo-derrete-na-dantesca-crise-climatica.shtml>.

- a primeira, pela abordagem crítica e criativa do conteúdo proposto, pela estrutura composicional, pelo estilo do texto, pelo trabalho que instaura e pelas competências linguísticas, cognitivas e sociais, requeridas dos leitores na construção de sentidos;
- a segunda, pelo ineditismo de um plano de texto, cujas combinações feitas por seu autor, em termos linguísticos, textuais e discursivos, revelam uma singularidade propícia à aplicação de critérios teórico-analíticos, que se revertem em estratégias de ensino da leitura e da escrita como *continuum*, centrado, em complementaridade, na construção de sentidos.

Para cumprir os objetivos propostos, além destas considerações iniciais, em que contextualizamos o estudo e das considerações finais, em que indicamos algumas perspectivas para o ensino da leitura e da escrita, organizamos o artigo em três seções: na primeira, discutimos o aporte teórico para a definição de categorias de análise; na segunda, analisamos o texto; na terceira, damos destaques a alguns dos resultados da análise.

### **Abordagem teórica: Análise Textual dos Discursos e plano de texto**

Jean-Michel Adam, fundador dos estudos da Análise Textual dos Discursos, vem, desde o final dos anos de 1980, aprofundando o conceito de plano de texto e de seus níveis de análise, o que tem permitido aos pesquisadores uma abordagem teórica e analítica para a produção (con)textual de sentidos em textos concretos (Adam, 2011, 2020, 2021, 2022). Em sua abordagem teórica, o autor considera texto um objeto a ser analisado em suas relações com o discurso, assumindo, assim, que um texto só existe e se concretiza no domínio discursivo.

Em consonância com os estudos de Adam (2011, 2019, 2021, 2022), pesquisadores brasileiros filiados à sua perspectiva teórica (Marquesi, 2017, 2018, 2021; Cabral, 2013; Marquesi; Elias; Cabral, 2017; Marquesi *et al.*, 2019; Rodrigues; Marquesi, 2021; Rodrigues, 2022), têm trazido, por sua vez, importantes contribuições ao entendimento de plano texto, decorrentes de interfaces teóricas, principalmente com estudos da Linguística Textual e da Argumentatividade. Por meio dessas interfaces, os referidos pesquisadores avançaram na definição de categorias de análise, aplicando-as a gêneros textual-discursivos das esferas acadêmica, escolar, jurídica, política e midiática, nesta última considerando o texto impresso bem como o digital, o que lhes permitiu

identificar recorrências/generalizações importantes à compreensão e à escrita de textos que circulam na sociedade contemporânea.

Revisitando a evolução do conceito de plano de texto, podemos considerar que, se nos estudos iniciais de Adam, tal como se posiciona Miranda (2010), esse elemento era entendido apenas como estrutura composicional, no decorrer do tempo, o conceito se expandiu, em conformidade com as tendências atuais da Linguística Textual e da Análise Textual dos Discursos, chegando, nos anos 2000, a ser considerado fator unificador da estrutura composicional do texto, cujo papel é fundamental na composição macrotextual do sentido (ADAM, 2011).

Em conformidade com essa concepção de plano de texto relacionado à composição macrotextual do sentido, e complementando-a com os resultados das pesquisas brasileiras desenvolvidas pelos pesquisadores citados anteriormente, podemos destacar quatro posições, que embasam o conceito por nós assumido neste artigo:

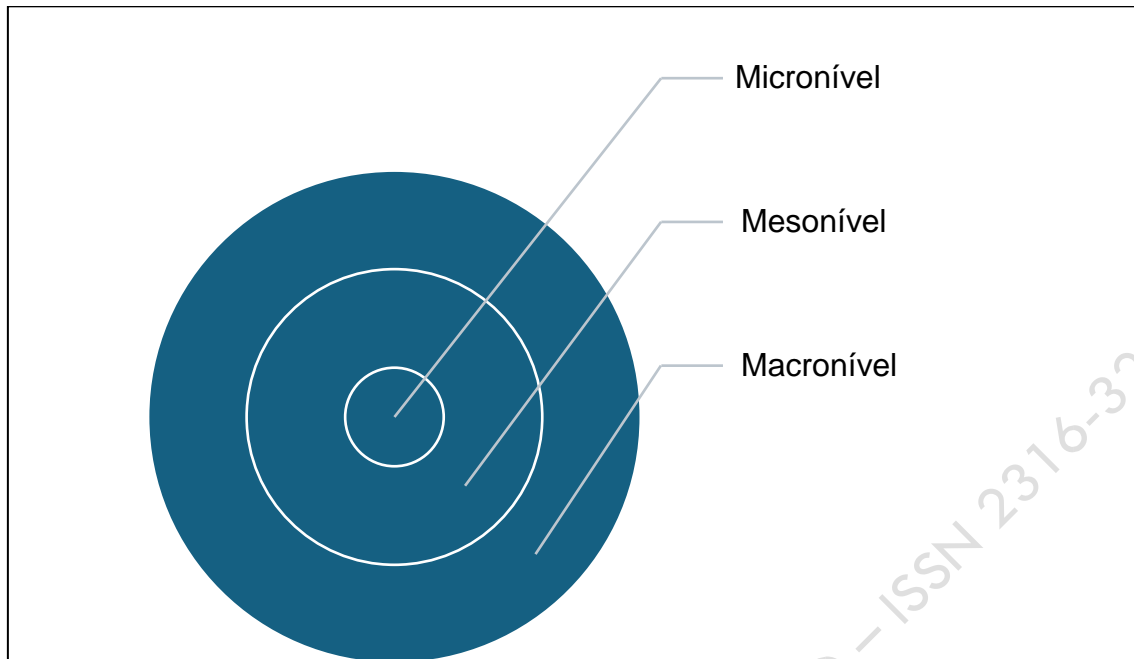
a) o plano de texto reflete criatividade, orientada por intenções de seu produtor e por construções de sentido dos leitores (CABRAL, 2013); b) o plano de texto é um todo particular de organização, resultante do entrelaçamento entre diferentes tipos de sequências textuais, o que revela sua orientação argumentativa (MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017); c) o conceito de plano de texto guarda relação estreita com o conceito de contexto (MARQUESI *et al.*, 2019); d) o plano de texto é constituído por níveis diferentes, como o macrotextual, o mesotextual e o microtextual (ADAM, 2021; 2022; RODRIGUES; MARQUESI, 2021; RODRIGUES, 2022).

Especificamente, sobre os níveis de análise, admitimos, com Adam (2022), a existência de três níveis de análise do plano de um texto:

- o macronível, que engloba as zonas peritextuais e as partes do texto;
- o mesonível, que diz respeito às sequências textuais narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa ou dialogal e aos seus imbricamentos;
- o micronível, que focaliza os elementos linguísticos referentes a ligações textuais, ou seja, os processos coesivos referenciais (retomada pronominal e colocações lexicais, entre outros mecanismos) e sequenciais (operadores argumentativos e conectores).

Os diferentes estudos desenvolvidos corroboram a afirmação de Adam de que a divisão em níveis é apenas metodológica, já que na realização de um texto, o que se tem é o imbricamento desses níveis, como revela a Figura 1.

Figura 1 – Níveis de análise textual



Fonte: Rodrigues (2022, p. 19).

Essa perspectiva, conforme destacado nos estudos que compõem o aporte teórico do presente artigo, corrobora a visão sociocognitivo-interacional da Linguística Textual, que considera o texto como um processo e não apenas como um produto. A esse respeito, três abordagens de Cavalcante *et al.* (2010, 2016 e 2019) se complementam para o entendimento de um texto:

[...] unidade funcional que não somente permite a interação, como também viabiliza diversas formas de representar o mundo, de transformá-lo e de, a um só tempo, reconstruir-se a partir dessa dinâmica emergência dos sentidos, que envolve toda espécie de heterogeneidades enunciativas, dentre elas as relações intertextuais e interdiscursivas (CAVALCANTE *et al.*, 2010, p. 228).

[...] uma abstração, um enunciado que tem uma unidade negociada e contextualizada de coerência, além de ter início, meio e fim. Essa unidade de sentidos é abstraída das relações dialogais e dialógicas e define seus limites como texto, quando acontece como um evento comunicativo único, irrepitível e conclusivo (CAVALCANTE, 2016, p. 114).

[...] um enunciado (no sentido dado a esse termo por Brait, 2016), que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação

de sistemas semióticos. O texto acontece concretamente como evento enunciativo, mas pensamos que as relações de sentido que instituem o texto como unidade de coerência são construídas numa situação enunciativa imediata simulada, porque não se trata de sujeitos empíricos, num tempo e espaço físico real, mas de uma encenação criada pelo universo textual a cada vez (CAVALCANTE, 2019, p. 26-27).

## Análise

Com base nos fundamentos teóricos discutidos e considerando os objetivos deste artigo, escolhemos como categoria principal de análise o plano de texto, em seus níveis macro, meso e microtextual. No quadro a seguir, trazemos, na coluna da direita, o texto na íntegra, e, na coluna da esquerda, a divisão em suas partes, bem como os elementos peritextuais referentes ao nível macrotextual de análise, destacando, entre eles, dados dos níveis mesotextual – das sequências textuais presentes – e microtextual – dos elementos lexicais e de ligação.

Após o quadro, damos destaque a alguns dos resultados da análise, com vistas a evidenciar a orientação argumentativa do texto.

<p><b>O efêmero boneco de neve de Michelangelo derrete na dantesca crise climática</b></p> <p><i>Talvez no futuro não exista arte, até mesmo de criações efêmeras, porque não haverá mais matéria prima a se usar</i></p>	<p>Título</p> <p>Linha fina</p> <p>O texto tem início por dois dados de peritexto – seu título e linha fina, que, particularmente neste plano de texto, marcam o tema central a ser tratado no texto – o da crise climática mundial – “dantesca”, em comparação com a desvalorização também da arte, indiciando uma progressão temática que oferecerá elementos tanto para a ampliação cultural, quanto para a reflexão sobre um tema desafiador no momento presente, que se projeta para o futuro. A linha fina remete ao fechamento do texto e cumpre seu papel de ampliar as informações. Tanto o título quanto a linha fina desse plano de texto corroboram suas respectivas funções de fazer uso de elementos lexicais, expressões ou construções sintáticas voltadas para causar um efeito de sentido conforme o público que pretende atingir. Sobressaem, por esses elementos peritextuais, a comparação que o autor estabelece entre arte e crise climática, o que, como tema abordado é extremamente favorável ao uso do texto em situação de ensino.</p>
---	--

	<p>Ao analisarmos a escolha lexical do autor para compor a linha fina do texto, podemos destacar:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- o uso do advérbio de dúvida “talvez”, que introduz uma incerteza sobre o futuro, o que cria um tom especulativo e reflexivo, preparando o leitor para considerar um cenário potencial;</li><li>- o uso da locução adverbial de tempo “no futuro”, que situa temporalmente a hipótese apresentada. A expressão “no futuro” desloca a discussão para um tempo que está por vir, enfatizando a antecipação de mudanças ou eventos que ainda não ocorreram;</li><li>- o uso do substantivo “arte” e do seu potencial desaparecimento por falta de matéria-prima para aludir às questões da crise ambiental;</li><li>- o uso da expressão “até mesmo”, que reforça e amplia a afirmação/argumentação de que a crise não poupará nenhum tipo de criação, seja ela perene ou efêmera;</li><li>- o uso da expressão “a se usar”, que indica a função prática dos recursos naturais e aponta para os riscos de sua escassez.</li></ul> <p>De maneira geral, os elementos lexicais do título e da linha fina evidenciam a preocupação com a sustentabilidade dos recursos naturais para a manutenção da vida. A escolha lexical introduz uma reflexão sobre a transitoriedade e a importância da permanência da arte e da vida.</p>
<p>1) O inverno de 1494 foi severo em Florença. Uma tremenda nevasca caiu na manhã de 20 de janeiro e só foi parar no dia seguinte, na hora da Ave Maria. A neve funda e fofa cobriu toda a cidade</p> <p>2) Piero de Medici, o mandatário de Florença, quis comemorar a rara brancura geral e chamou um rapaz metido a fazer esculturas. Mandou que esculpisse um boneco de neve no seu jardim. A obra ficou tão incrível que o príncipe contratou o jovem e o levou para morar no palácio.</p>	<p><b>Parte I - Abertura/Introdução (2 parágrafos)</b></p> <p>O autor lança mão da narrativa de um fenômeno climático, natural, ocorrido em 1494, que teve um inverno severo, com “tremenda nevasca”, para introduzir um dos eixos do texto – o da arte e de sua desvalorização nos dias atuais. Na sequência, mostra como, por uma ação do mandatário de Florença à época – Piero de Medici –, a situação climática de desafio possibilitou a importante criação artística de um jovem desconhecido – Michelangelo. Essa introdução já indicia as muitas possibilidades que o texto oferecerá para a construção de sentidos.</p> <p>O escritor seleciona cuidadosamente seu vocabulário para estabelecer a atmosfera histórica e conectar eventos passados a temas contemporâneos. Sintagmas como “inverno severo” e “nevasca forte” ressaltam a intensidade do fenômeno climático. O uso da expressão “neve espessa e fofa” descreve visualmente a cena, acrescentando uma certa “poesia” ao evento. O verbo “cobriu” implica uma transformação completa do ambiente, que poderia sugerir uma tela em branco sobre a qual a arte pode florescer. Ao mencionar “um rapaz que se dedicava a esculpir”, o autor utiliza um vocabulário que,</p>

	<p>inicialmente, pode diminuir o jovem Michelangelo, apenas para contrastar com a revelação posterior da sua grandeza. Isso cria uma expectativa e um efeito surpresa, valorizando ainda mais o talento do jovem escultor.</p> <p>A proposição narrativa estabelece um relato, que trata da história do evento climático e da subsequente criação artística de Michelangelo. O relato estabelece um contexto histórico e desenvolve uma trama que envolve o leitor. Nessa sequência, incluem-se figuras (Piero de Medici, o jovem Michelangelo), ambientação (Florença, inverno de 1494) e acontecimentos (a nevasca, a encomenda do boneco de neve). A organização cronológica contribui para a clareza do texto.</p> <p>A fim de complementar a referida proposição narrativa, o autor lança mão da sequência descritiva, cujo objetivo é retratar uma imagem vívida da nevasca e da cidade de Florença coberta de neve.</p>
<ol style="list-style-type: none"><li>1) Cada qual seguiu seu rumo. Primogênito de Lorenzo, o Magnífico, irmão e primo de papas, Piero tinha a glória como destino certo. Mas, por ter malbaratado a fortuna e o poder dos Medici, ficou conhecido como o Desafortunado.</li><li>2) Morreu no exílio, afogado, depois de perder uma batalha. Nem morto os florentinos o quiseram de volta – está enterrado em Monte Cassino. Já o aprendiz de artista alcançou a glória como escultor, pintor e arquiteto, como mestre do Renascimento: Michelangelo.</li><li>3) Esculpiu Davi e Moisés, pintou os afrescos no teto da Capela Sistina e projetou a cúpula da Basílica de São Pedro. Morreu com 88 anos e suas obras continuam vivas. Exceto o boneco de neve, que derreteu dias depois de Michelangelo fazê-lo. Como era ele?</li><li>4) Giorgio Vasari, primeiro historiador da arte renascentista, além de pintor e arquiteto, disse em "Vidas dos Artistas" que o boneco era lindo. Seu livro monumental se encerra com a biografia de Michelangelo, escrita quando ele ainda estava vivo.</li><li>5) Vasari, porém, não viu a fugaz estátua no jardim do Palácio Medici; pelo bom motivo que nasceu 17 anos depois da nevasca em Florença. Alguém lhe contou a historietta da obra encomendada pelo Desafortunado. Quiçá o próprio Michelangelo, de quem era amigo.</li><li>6) Baseado no disse-que-disse de Vasari, o escritor inglês Anthony Powell (1905-2000) é taxativo: “Não há dúvida de que o mais bonito boneco de neve já registrado tomou forma ali”.</li></ol>	<p><b>Parte II - Desenvolvimento (14 parágrafos)</b></p> <p>Dentro da narrativa em que amplia o conhecimento sobre a história da época, o autor descreve o escopo da arte de Michelangelo – como escultor, pintor e arquiteto -, mestre do Renascimento, exemplificando com algumas de suas obras.</p> <p>A sequência narrativa é predominante nesse trecho e serve para contar a história das vidas e destinos contrastantes de Piero de Medici e Michelangelo. No primeiro parágrafo, essas personalidades são apresentadas, estabelecendo o contraste entre o destino trágico de Piero e o sucesso artístico de Michelangelo.</p> <p>O segundo parágrafo descreve, a partir do contraste, a trajetória “inesperada” das personagens (a morte no exílio de Medici e as conquistas de Michelangelo).</p> <p>O terceiro parágrafo, dentro da sequência descritiva, lista algumas das principais obras de Michelangelo (Davi, Moisés, afrescos da Capela Sistina, cúpula da Basílica de São Pedro) e menciona a longevidade delas, exceto do boneco de neve, que era efêmero (e, apesar disso, é ele o objeto desse texto)</p> <p>O autor, nesta parte do desenvolvimento, possibilita ao leitor a ampliação de conhecimentos culturais, fazendo uso de novos intertextos, com Vasari (primeiro historiador renascentista) e Powell (1905-2000), não apenas oferecendo informações, mas problematizando-as em relação à obra de arte, à sua</p>



<p>7) Para Powell, a vida curta da escultura não anula sua pertinência e força. Porque, conforme escreveu, “a duração no tempo não deve ser necessariamente o critério de produção de uma obra de arte”. Ao contrário do aforisma latino “vita brevis, ars longa”, a arte breve pode ter vida longa.</p> <p>8) Michelangelo e Vasari disseram algo sobre a vida e morte de artistas e obras. O historiador conta que, quando alguém falou de morte, Michelangelo disse que “se gostamos da vida, e se a morte é de autoria do mesmo mestre, não deveríamos desgostar da morte”.</p> <p>9) Na última linha de “Vidas”, Vasari prevê: “Embora Michelangelo venha a abandonar o corpo, como todos os homens, suas obras imortais nunca encontrarão a morte: enquanto o mundo existir, a fama delas viverá, gloriosíssima, nas palavras dos homens e nas plumas dos escritores”.</p> <p>10) Não há no Brasil matéria prima para bonecos de neve. Já Florença atravessa um verão dantesco. No hemisfério norte inteiro, os termômetros batem recordes. Incêndios grassam da Grécia ao Canadá. Milhões sentem no corpo o fragor infernal da crise climática. Ela chegou com tudo.</p> <p>11) Luiz Marques estudou arte em Florença e Paris e foi curador-chefe do Masp. Publicou vários livros sobre a estética do Renascimento, alguns em italiano e francês. Professor na Unicamp, fez a tradução e os comentários, ambos excelentes, da “Vida de Michelangelo Buonarroti”, de Vasari.</p> <p>12) Ele alargou seu campo de estudo nos últimos anos. Escreveu “Capitalismo e Colapso Ambiental” e publicou há pouco, pela editora Elefante, “O Decênio Decisivo – Propostas para uma Política de Sobrevivência”. Está, pode-se dizer, na confluência do aquecimento global com a Renascença.</p> <p>13) “No mundo de Michelangelo e Vasari”, disse, “as formas visuais, retóricas, musicais, literárias, aquilo que chamamos hoje de arte, eram constitutivas das relações da vida social. Eram, em suma, relevantes. Hoje, isso é arqueologia”. Desvalorização da arte hoje.</p> <p>14) Para Marques, não pesava sobre o biógrafo e o biografado a “percepção do fim iminente”; não de artistas e obras, mas da vida como a conhecemos. “Era um mundo de fronteiras a ultrapassar, no qual a natureza podia ser apropriada e destruída porque sempre haveria mais, pois ela era incomparavelmente maior que o homem”, disse.</p>	<p>perenidade e à crítica que ele desencadeia em seu texto.</p> <p>Por meio do recurso da polifonia, o autor apresenta Anthony Powell, que argumenta em favor de uma relação: a curta duração da escultura de neve não diminui sua importância ou força, desafiando a ideia de que a duração no tempo deve ser critério único para avaliar uma obra de arte. O autor sugere que o impacto de uma obra é tão importante quanto ela própria.</p> <p>O autor insere o outro eixo de seu texto – o da crise climática atual, recorrendo a um novo intertexto –, referente ao professor Luiz Marques, autoridade em arte de Michelangelo. Esse estudioso alargou seu campo de estudos adentrando à questão climática, com a escrita de obras como “Capitalismo e Colapso Ambiental” e o “O Decênio Decisivo – Propostas para uma Política de Sobrevivência”. Para a transição temática, ainda em sequência narrativa, o autor estabelece uma comparação entre a ausência de matéria-prima para bonecos de neve no Brasil e o verão dantesco em Florença. Ele descreve o impacto global da crise climática, com registros de temperatura e incêndios que devastam várias regiões.</p> <p>Nesta parte do desenvolvimento do texto, já caminhando para sua conclusão, o autor, além de acrescentar novos dados da expansão textual, insere questões de reflexão. Estas evidenciam o potencial da natureza de antes, que foi se perdendo, até chegarmos ao momento atual, que exige mudança, comprometimento, ação, retomada de princípios esquecidos. Ele destaca a mudança de perspectiva sobre a natureza e sobre a arte, estabelecendo a necessidade de reavaliar e agir frente à crise climática.</p> <p>Quanto às escolhas lexicais, cabe observar que o autor busca elementos de campo lexical que colabora para a construção de uma narrativa histórico-cultural e para o estabelecimento de uma relação entre ela e a crise climática contemporânea. As palavras selecionadas ressaltam a glória e a tragédia, contrastando o sucesso de Michelangelo e o destino</p>
--	---

	<p>infeliz de Piero. Para tanto, faz uso de termos como “glória” e “desafortunado”.</p> <p>A combinação de expressões como “fugaz estátua” e “duração no tempo”, destaca a efemeridade da arte e sua relevância contínua, ao passo que a transição para a crise ambiental atual remete à urgência de atenção ao impacto global, estabelecendo uma conexão entre a valorização da arte e a sustentabilidade.</p>
<p>1) Hoje, segundo o professor, a destruição da biosfera e a debilitação do sistema climático não são possibilidades, riscos: “Elas já ocorreram, ou estão em vias de, num ritmo alucinante e cada vez mais na escala do irreversível”.</p> <p>2) Talvez no futuro não exista arte, até mesmo a de bonecos efêmeros. Porque não haverá neve.</p>	<p><b>Parte 3 – Encerramento (2 parágrafos)</b></p> <p>O autor conclui o texto lançando a principal reflexão, a nosso ver: a natureza se esgotou; tudo que se tem de fazer, já deveria ter sido feito. Haverá ainda tempo?</p> <p>Em uma volta à comparação com a obra de Michelangelo, possível em virtude da natureza, insere a questão que fecha o texto: talvez não exista arte... porque não haverá neve. E deixa, aqui, toda a reflexão sobre os valores que hoje conduzem nossas vidas e a urgência de revê-los.</p> <p>O desfecho do texto emprega uma mistura de sequências argumentativa e descritiva para destacar a conclusão final do autor.</p> <p>Na sequência argumentativa, o uso de uma citação direta do professor reforça a autoridade do argumento: “Elas já ocorreram, ou estão em vias de, num ritmo alucinante e cada vez mais na escala do irreversível”.</p> <p>Na sequência descritiva, o autor faz a descrição da falta de neve como um símbolo da crise climática global e da possível inexistência de arte futura. O autor menciona que, no futuro, talvez não exista arte, nem mesmo criações efêmeras, porque não haverá neve.</p> <p>A escolha lexical é essencial para transmitir a urgência de ações em face da inevitabilidade das mudanças climáticas e de seu impacto na arte e na natureza.</p>

### Discussão de resultados – alguns destaques

Como podemos observar, os níveis de análise do plano de texto – macro, meso e microtextual – se dividem apenas por questão metodológica, pois, na progressão textual,

se inter-relacionam, uma vez que os dois últimos níveis aqui indicados constituem o primeiro.

No que diz respeito ao nível macrotextual, estamos diante de um plano de texto organizado por três partes – introdução, desenvolvimento e conclusão –, além dos elementos peritextuais referentes ao título, à linha fina, e mesmo ao conhecimento “do lugar de onde fala” Mario Sérgio Conti, no jornal em que o texto foi veiculado: escreve sobre cultura, desde novembro de 2013, como integrante da equipe de articulistas da *Folha de S.Paulo*. Sua coluna é publicada no caderno que trata de atualidade e cultura.

Na introdução, além de o autor introduzir a comparação “arte”/“crise climática” como desafios a serem vencidos, dá início à **primeira parte do desenvolvimento do texto** (9 parágrafos), cujo foco é o questionamento sobre a desvalorização da arte, por meio de uma narrativa em que a dimensão argumentativa é marcada pelo contraponto com a crise climática.

**Na segunda parte do desenvolvimento do texto** (5 parágrafos), cujo foco é o momento atual do Brasil e do mundo no que diz respeito à crise climática e da quase irreversibilidade da situação, por meio de importantes intertextualidades – com Vacari (primeiro historiador renascentista) e Luiz Marques (professor da Unicamp, especialista em arte, com alargamento de estudos sobre crise climática), ampliam dados da dimensão argumentativa do texto, desta feita marcada pelo contraponto com a arte. A presença de polifonia e intertextualidade é um aspecto marcante na construção deste texto. O autor utiliza diversas vozes e referências intertextuais para enriquecer o desenvolvimento de seu texto, oferecendo uma visão multifacetada do tema em foco. Essas referências não apenas validam a argumentação, mas também ampliam o horizonte interpretativo, permitindo ao leitor uma análise mais profunda e reflexiva sobre a crise climática e a arte.

Na **conclusão** (2 parágrafos), o autor inicialmente ressalta a debilitação irreversível do sistema climático e, em seguida (fechamento do texto), deixa a complexa questão do futuro sobre a insustentabilidade, voltando à rica comparação entre a arte, a natureza e o que o desrespeito a ambas, hoje, poderá ocasionar amanhã.

Sobre o plano de texto analisado em seu macronível, confirma-se, portanto, de acordo com Adam (2021), uma unidade textual composta de subunidades significantes, de extensão e de natureza semiológica variáveis.

No que diz respeito ao mesonível, chama a atenção o imbricamento da sequência textual narrativa, por meio de um processo de intertextualidade que prepara o leitor para

a argumentação que se dará na segunda parte do desenvolvimento, em que o autor apresenta uma asserção inicial, segue com o apoio para a defesa da asserção e finaliza com a conclusão. Ainda, no processo de imbricamento das sequências textuais, constata-se a presença da sequência descritiva (Adam, 2011; Marquesi, 2017), com elementos lexicais e proposições, cuja função, no referido plano de texto, é também construir sua dimensão argumentativa.

Já no que se refere ao nível microtextual, destaque deve ser dado aos sintagmas e elementos lexicais, aos inúmeros adjetivos, que, por sua vez, são a base para a crítica e para a reflexão constatadas nos níveis macro e mesotextuais. A escolha lexical do autor é estratégica e impactante. Termos como “destruição”, “alucinante” e “irreversível” são utilizados para enfatizar a gravidade da crise climática, reafirmando uma percepção de urgência. Simultaneamente, a valorização da arte é destacada, sugerindo que a preservação da natureza é fundamental para a continuidade da criação artística. Essa dualidade de campos lexicais reflete a interdependência entre arte e natureza, ressaltando a importância de ambas para a humanidade.

Da perspectiva da análise realizada nesta seção, consideramos possível afirmar que a singularidade da construção do plano e sua abordagem nos três níveis fornecem um amplo espectro de análise, sendo o texto jornalístico de opinião, como o aqui escolhido, muito favorável a ela.

### **Considerações finais**

Constatamos que a relação entre a narrativa inicial, os intertextos de momentos distintos e a autoridade de vozes em que o autor se respalda favorecem o trabalho dos leitores, que, em interação com o texto e guiados por critérios analíticos, podem construir sentidos, focalizando tanto a questão da desvalorização da arte, quanto a questão do aquecimento global, a nosso ver, sobretudo deste último, ou de ambos em diálogo. Essa constatação evidencia a importância do uso, no ensino, de textos do gênero jornalístico, em especial os escritos por articulistas, como o aqui analisado, também para a reflexão que põe em discussão a urgência da formação de cidadãos que questionem, reflitam e possam contribuir para mudança de paradigmas e criação de novas políticas para uma vida de qualidade.

Ressaltamos que a análise das sequências textuais e do plano de texto não só enriquece a compreensão do texto, mas também oferece aos alunos um exemplo de como

diferentes tipos de sequências podem ser usados, imbricadamente, para a construção da argumentatividade de um texto. Além disso, a análise do nível microtextual, por exemplo, com foco na escolha vocabular, proporciona aos estudantes ferramentas valiosas para aprimorar sua própria produção textual. Termos impactantes e construções sintáticas estratégicas mostram como a linguagem pode ser usada para transmitir urgência, emoção e complexidade, elementos essenciais para uma escrita eficaz.

É de se destacar, por fim, a relevância do uso de textos como o aqui analisado, pela singularidade que marca a unidade do plano do texto: um plano em que a polifonia, sempre conduzida pela voz de seu autor, Mario Sergio Conti, faz entrelaçar as vozes por ele trazidas e sua própria reflexão, em um processo que evidencia a importância de analisar, refletir, e agir, avançando, propondo, atuando, modificando os rumos para o enfrentamento dos temas da agenda presente e futura de nossa sociedade – o maior dos desafios na formação de professores.

Aceitemos, então, o desafio.

Que, do lugar que ocupamos, como estudiosos da linguagem, e formadores de professores, consigamos abrir muitos horizontes, para a leitura do mundo e do texto, em que textos da esfera jornalística se abram para inúmeras possibilidades de abordagem que possam trazer luzes a uma atuação social modificadora de realidades.

### Referências

ADAM, Jean-Michel. **A noção de texto**. Tradução : Maria das Graças Soares Rodrigues; João Gomes da Silva Neto; Luís Passeggi. Natal: EDUFRN, 2022.

ADAM, Jean-Michel. Micronível, mesonível e macronível da estrutura textual. **Letra Magna**, n. 27, p. 1-38, 2021. Disponível em: [http://www.letramagna.com/artigos\\_27/Artigo%206.pdf](http://www.letramagna.com/artigos_27/Artigo%206.pdf). Acesso em: 20 nov. 2021.

ADAM, Jean-Michel. **Textos: tipos e protótipos**. Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.

ADAM, Jean-Michel. **A Linguística Textual** – Introdução à Análise Textual dos Discursos. Tradução: Maria das Graças Soares Rodrigues *et al.* São Paulo: Cortez, 2011.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. O conceito de plano de texto: contribuições para o processo de planejamento da produção escrita. **Linha d'Água**, v. 26, n. 2, p. 241, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/64266>. Acesso em: 13 dez. 2021.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; PINHEIRO, Clemilton Lopes; LINS, Maria da Penha Pereira; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. *In*: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (org.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 225-261.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, v. 14, n. 12, 2016. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/ea45a0fb01f8dde37a9435628505a55d.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, p. 25, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884>. Acesso em: 17 maio 2024.

CONTI, Mario Sergio. O efêmero boneco de neve de Michelangelo derrete na dantesca crise climática. **Folha de S.Paulo**, 21 jun. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariosergioconti/2023/07/o-efemero-boneco-de-neve-de-michelangelo-derrete-na-dantesca-crise-climatica.shtml>. Acesso em: 10 out. 2023.

MARQUESI, Sueli Cristina. Procedimentos analíticos da ATD e produção escrita: estrutura composicional e sequências textuais descritivas em relatórios técnicos. *In*: GOMES, Alexandre Teixeira; PASSEGGI, Luis; RODRIGUES, Maria das Graças Soares (org.). **Análise Textual dos Discursos: perspectivas teóricas e metodológicas**. Coimbra: Grácio Editor, 2018.

MARQUESI, Sueli Cristina. Linguística Textual e Análise Textual dos Discursos: sequências descritivas e progressão textual em foco. *In*: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; ELIAS, Vanda Maria; LINS, Maria da Penha Pereira (org.). **Linguística Textual: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Labrador, 2017.

MARQUESI, Sueli Cristina; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; ELIAS, Vanda Maria da Silva; TOMAZI, Micheline Mattedi; RODRIGUES, Maria das Graças Soares. Plano de texto e contexto: conceitos em interface para o tratamento da escrita e da leitura em mídia digital. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, p. 40-59, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27885>. Acesso em: 2 dez. 2021.

MARQUESI, Sueli Cristina; ELIAS, Vanda Maria da Silva; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Planos de texto, sequências textuais e orientação argumentativa. *In*: MARQUESI, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria (org.). **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.

RODRIGUES, Maria das Graças Soares. Decisão monocrática do Supremo Tribunal Federal do Brasil – combate ao desmatamento da floresta amazônica – dispositivos textuais, enunciativos e discursivos. **Revista Latino-americana de Estudos do Discurso**, v. 22, n. 1, p. 182-201, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/41054>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MIRANDA, Florencia. **Textos e gêneros em diálogo** – uma abordagem linguística da intertextualização. *s.l.*: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

RODRIGUES, Maria das Graças Soares; MARQUESI, Sueli Cristina. Chegou-se a uma posição de certeza de que não há perigo ambiental? A existência de certeza necessita ser demonstrada. **Revista FIDES**, v. 12, n. 1, p. 19-40, set. 2021. Disponível em: <http://www.revistafides.ufrn.br/index.php/br/article/view/543/548>. Acesso em: 20 mar. 2024.